

OS FAVORES DO BORDA D'ÁGUA

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

Fazer anos é bom. Há festa, há presentes e há a família e os amigos todos à volta de nós e do bolo, a cantar, afinados ou desafinados, os "Parabéns a Você". Sopram-se as velas, ouvem-se as palmas e tocam-se os copos, "tchim-tchim!", à saúde do aniversariante.

Mas por que estou eu aqui a contar o que toda a gente sabe? Sim, porquê? Porque o Mário só tem direito a esta festa de quatro em quatro anos, precisamente no dia 29 de Fevereiro de cada ano bissexto. Nasceu num dia desses de um ano desses, que se há-de fazer?

O Joca, amigo e vizinho do Mário, já que ambos moram no mesmo prédio, o Joca é que não se conforma:

– Tu devias receber as prendas vezes quatro. Um montão delas, a contar com os anos em que não tiveste festa.

– E recebo – explicou o Mário. – Na Páscoa, os meus pais e os meus avós dão-me sempre mais prendinhas e dizem-me que são as dos meus anos.

Assim sendo, o Joca já não sentia tanta pena do seu amigo Mário. À noite, à hora da deita, pôs-se a matutar que as pessoas deviam fazer anos sempre que quisessem. Já em vale de lençóis, apurou a ideia.

Imagine-se um senhor que, por ter tido uma infância sem carinhos nem festas, decidia, chegado a adulto, feliz e bem instalado na vida, comemorar todos os aniversários que a miséria dos primeiros anos lhe tinham roubado? Festas e mais festas, prendas e mais prendas... Devia ser giro.

Ele próprio, Joca, sentia ganas de pedir ao Senhor Borda d'Água, cavalheiro de cartola a labita que gere os negócios do tempo e o calendário do mesmo nome, se lhe concedia um favor. Via-se, diante do Borda d'Água, a formular o seguinte pedido:

– O senhor podia dar-me mais do que uma festa de anos por ano?

– Quantas?

O Joca hesitava:

– Se não lhe custasse muito, duas. Ou três... Ou quatro... Ou cinco...

– As que quiseres – decidiu o Borda d'Água, um mãos-largas nisto de dar à manivela do tempo.

E assim passou a acontecer. Corriam os dias, corriam as festas de anos. Os convidados já nem saíam de casa do Joca, sempre a atafalharem-se em novos bolos de aniversário, a que iam crescendo as velas. Nem tempo havia para desembulhar todas as prendas. Sensacional!

O Joca andava delirante. Aquilo é que era vida. Podia achar os pais mais velhos e mais cansados, com aquela continuada responsabilidade de atender a tantos aniversários seguidos. Podia sentir que algumas prendas já eram descabidas para a sua idade. Podia já estar enjoado do bolo de anos e da cerimónia dos "Parabéns a Você". Mas ainda rejubilava com aquele ambiente de festa interminável, como se o tempo nunca passasse.

O pior foi quando, uma vez, ao chegar-se a um espelho, não ter reconhecido o seu próprio rosto. Ele, de barba e já com algumas brancas? E com o cabelo a fugir-lhe? E as olheiras, a cavarem-lhe os olhos?

Percebeu, então. Cada festa era um ano que mudava. Naquele corrupio de aniversários, esquecera-se desse pormenor.

Tinha de voltar atrás. Tinha de pedir ao Borda d'Água que suspendesse a roda do tempo, se não, se não as últimas velas da vida apagavam-se num sopro.

Respondeu-lhe o Borda d'Água:

– Como estás no meio de um sonho, posso satisfazer o que me pedes. Mal acordares, voltas a ter a idade com que adormeceste, ainda que com umas horitas a mais. Nada de importância.

E assim aconteceu. Quando o Joca se viu ao espelho, na manhã seguinte, e encontrou de novo o seu rosto de menino, não podem calcular o alívio que o Joca sentiu.

Festas de aniversário uma vez por ano e chega. Ou de quatro em quatro...

FIM